



ASPECTOS DA SINTAXE COMPARADA DOS TRAÇOS-PHI: PESSOA, GÊNERO E DEFINITUDE

Daniel Carvalho
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil
Endereço eletrônico: danielcarvalho@ufba.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a terceira etapa do projeto mais amplo, denominado **A sintaxe-phi das línguas naturais**, que vem sendo desenvolvido desde 2010, na Universidade Federal da Bahia em parceria com pesquisadores de outras universidades no Brasil e da Queen Mary, University of London, e que tem como objetivo apresentar uma descrição tipológica inicial uma notação universal de traços gramaticais (traços-phi) nas línguas naturais e apontar possíveis caminhos para o entendimento das relações gramaticais que tais traços engatilham, a partir de um modelo minimalista de gramática (Chomsky, 1995 e posteriores).

Traços são fundamentais na descrição linguística, que se empenha para tentar entendê-los e construir a arquitetura que represente a complexidade das línguas naturais. Adger (2013) aponta o fato de os traços morfossintáticos, ou simplesmente phi, oferecerem uma oportunidade rara para sintaticistas, morfólogos e semanticistas colaborarem para uma agenda de pesquisa na qual todos têm um mesmo papel e abordam com propriedade dados e conhecimentos. Rezac (2011) afirma que os traços-phi e as operações que os envolvem dão sustentação à organização modular da língua e estão entre os primitivos da sintaxe, realização e interpretação, sendo, dessa maneira, uma janela para a natureza e interações de tais módulos.

A partir da assunção de que traços-phi são concebidos como propriedades atômicas da gramática e que sua distribuição nos itens lexicais e funcionais alimenta as operações sintáticas na gramática, surge a necessidade de uma investigação exaustiva sobre quais são e como funcionam tais traços.

Traços-φ são aqueles envolvidos na relação de concordância predicado/argumento, seja no nível da estrutura funcional verbal (Inflectional Phrase - IP), seja no da estrutura funcional nominal (Determiner Phrase - DP), tipicamente, mas



não apenas, pessoa, número e gênero. Outros traços, como aqueles envolvidos em relações de definitude, por exemplo, como será visto adiante, também podem ser incluídos nessa definição.

O conceito semântico e/ou pragmático de definitude tem sido matéria de muito debate entre linguistas e filósofos, nos mais diversos quadros teóricos. Segundo Kibort (2010), a categoria semântica que corresponde mais aproximadamente à função central da categoria gramatical definitude é identificabilidade, isto é, a expressão de se o referente é familiar ou já estabelecido no discurso.

Normalmente, definitude não é um traço-phi por definição, isto é, um traço envolvido nas relações de concordância, mas uma informação adicional selecionada por um sintagma nominal, que pode ser expressa através de um determinante livre, uma marca afixal ou um clítico. Esta informação pode ser expressa mais de uma vez dentro de um sintagma nominal, como por exemplo nos casos de dupla determinação discutidos por Lyons (1999) em hauçá, ewe, dinamarquês, islandês, albanês e romeno, e adjetivos definidos em árabe, albanês, romeno e em algumas línguas eslovenas, bálticas e germânicas. Tem-se sugerido em algumas línguas que a definitude de um sintagma nominal é expressa através de uma marca de concordância em algum lugar da sentença. Podemos citar muitas línguas urálicas, por exemplo, que apresentam concordância de definitude entre o verbo e o objeto (cf. LYONS, 1999, p. 207-208).

METODOLOGIA

Nesta pesquisa, é adotado o quadro geral do Programa Minimalista, traçado em Chomsky (1995 e seguintes), sob o viés de uma teoria de Traços-phi (HARLEY; RITER, 2002, BÉJAR, 2003, CARVALHO, 2008). Para empreender a pesquisa sobre o fenômeno linguístico em questão, utilizamos como método de abordagem o hipotético-dedutivo, e como método de procedimento o comparativo, o qual possibilitará estabelecer semelhanças e diferenças entre o licenciamento de definitude em português, archi, norueguês, búlgaro, línguas escandinavas, algumas línguas indígenas, entre outras línguas. Os dados das línguas indígenas foram coletados de outras fontes bibliográficas que apresentem uma descrição detalhada das referidas línguas. As frases analisadas resultaram de dados coletados em manuais tipológicos das línguas menos acessíveis



(archi, norueguês, búlgaro, línguas escandinavas) e de introspecção de falantes nativos das demais línguas. Essa introspecção a que correspondem as intuições desses falantes sobre a morfossintaxe de sua língua decorre, portanto, de sua competência gramatical, ou seja, de sua competência linguística. Tais dados serviram como base de comparação interlinguística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os resultados de nossa pesquisa, a categoria **pessoa** é composta, pelo menos, pelos seguintes traços: [**π**], que representa a categoria pessoa e cuja presença na composição do nominal corresponde ao requerimento de pessoa como categoria dominante em uma hierarquia para ϕ ; [**participante**], que caracteriza os participantes do processo discursivo (1ª e 2ª pessoas), sendo sua ausência e, conseqüentemente, dos traços por ele dominados, o que caracteriza a 3ª pessoa; [**falante**] cuja presença determina o nominal (pronomes ou impostor) como sendo o falante no processo discursivo (1ª pessoa); [**destinatário**], caracteriza o interlocutor no processo discursivo; [**D**], traço que identifica o nominal como sendo um argumento e que domina a projeção que compreende traços como [definitude] e [especificidade]; [**especificidade**] denota um indivíduo particular (ou grupo de indivíduos) e um DP que apresenta o traço [especificidade] é interpretado como “um indivíduo que é conhecido pelo falante”; [**definitude**] define quando um DP se refere a algo presente no universo discursivo. Esses traços são essenciais para o licenciamento de elementos pronominais, especialmente o pronome pleno de terceira pessoa, que exige a presença de pelo menos um dos traços dominados por [D].

Nossa pesquisa também se debruçou sobre a categoria gênero, observando seu comportamento morfossintático. Gênero, da mesma forma que pessoa, é formado por traços mais especificados, sendo eles: [classe], que codifica gênero e outras informações de classe, e, não é determinante nas relações de concordância, sua presença indica que há traços morfossemânticos de classe na língua; [feminino], que determina a especificidade de classe relevante para concordância no português e é o único traço de classe legível nessa língua. Entretanto, ele funciona mais como um valor de traço do que um traço propriamente dito nos termos da teoria chomskyana, e sua combinação com os traços dominados por [classe] determina a interpretação de gênero na língua; [animacidade], que



codifica informação de animacidade no elemento referencial. Sua ausência condiciona uma leitura inanimada na língua. Sua combinação com presença/ausência de [feminino] determina a leitura de gênero de um nome; [humano], que codifica informação mais específica dos seres animados, diferenciando-os dos animados não humanos.

Os resultados dessa notação de gênero mostram que a categoria é um traço gramatical e que, apesar de gênero não afetar semanticamente a sintaxe, como Tempo e Aspecto, este traço é relevante para certas operações sintáticas, como *Agree*. Entretanto, seu efeito sintático está diretamente relacionado com a presença do traço [D], que codifica definitude, como observado por Carvalho (2018, 2019).

Já o estudo sobre a categoria definitude aponta para uma possível promoção da categoria semântica à traço gramatical. A partir de uma revisão da literatura que se sustenta em Lyons (1999), para a definição da categoria definitude nas línguas naturais, Kibort (2010), para a argumentação que aponta definitude como traço, e Zwicky (1986), para um mecanismo sintático que lide com um traço de definitude, foi possível demonstrar que o traço de definitude pode ser realizado morfológica e sintaticamente das mais diferentes formas interlinguisticamente. Esse padrão sugere, portanto, que definitude se assemelha aos demais traços no inventário ϕ .

CONCLUSÃO

Evidências interlinguísticas parecem sugerir que os traços- ϕ , incluindo definitude/especificidade, desempenham um papel na sintaxe do português. Essa assunção, na verdade, é atestada em um grande número de línguas naturais.

Assumimos neste trabalho com Starke (2009) que a sintaxe opera com traços e não com itens lexicais já formados e que sua realização morfofonológica depende exclusivamente de operações pós-sintáticas.

Assim, as evidências interlinguísticas apontadas nas línguas estudadas neste trabalho apontam para a hipótese de que, além de traços tradicionalmente gramaticais, como pessoa, número e gênero, definitude participa ativamente da computação de DPs e seus predicados e que esta categoria pode ser entendida como um traço, o qual é relevante para operações sintáticas, tais como *Agree*, pertencendo, assim, no conjunto dos traços-



φ. Dessa forma, a presente pesquisa poderá contribuir para o melhor entendimento da natureza e do funcionamento das categorias/traços phi na gramática das línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática Gerativa; Sintaxe Comparada; Traços-phi.

REFERÊNCIAS

ADGER, D. Phi-Theory: interfaces in Linguistic Theory. In MOURA, D.; SIBALDO, M.A. (eds) *Estudos e pesquisas em teoria da gramática*. Maceió, AL: EDUFAL, 2013, p. 11-32.

CARVALHO, D. S. On gender agreement in Brazilian Portuguese. In: Eric Mathieu; Myriam Dali; Gita Zareikar. (Org.). *Gender and Noun Classification*. 1ed. Oxford: Oxford University Press, 2019, p. 136-158.

CARVALHO, D. S. O traço de gênero na morfossintaxe do português. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 34, p. 635-660, 2018.

CARVALHO, D.S. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*. 151f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFAL, 2008.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

HARLEY, H.; RITTER, E. Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis. *Language* 78, p. 482-526, 2002.

KIBORT, A. Towards typology of grammatical features. In: KIBORT, A.; CORBETT, G.G. (eds.). *Features: perspectives on a key notion in Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 64-106.

LYONS, C. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

REZAC, M. Case and Licensing: Evidence from ECM+DOC. *Linguistic Inquiry* 44: 2, p. 299-319, 2013.

STARKE, M. Nanosyntax: a short primer to a new approach to language. *Nordlyd: Tromsø University working papers on language & linguistics*, Tromsø, v. 36, n. 1, p. 1-6, 2009.

ZWICKY, A.M. Imposed versus inherent feature specifications, and other multiple feature markings. In: *The Indiana University Linguistics Club 20th Anniversary Volume*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1986, p. 85-106.